

## **Telejornalismo universitário e acessibilidade: um caminho em formação<sup>1</sup>**

## **University journalism and inclusion: a path in development**

*Fabiana Piccinin<sup>2</sup>, Michele Negrini<sup>3</sup>, Roberta Roos<sup>4</sup>*

---

1 Este artigo faz parte de uma reflexão já apresentada no décimo quinto Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo.

2 Jornalista e Licenciada em Letras. Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação Social e do programa de pós-graduação mestrado e doutorado em Letras na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Integrante do GENALIM, Grupo de Estudos sobre Narrativas Literárias e Midiáticas (CNPQ), e do GIPTele, Grupo Interinstitucional de pesquisa sobre Telejornalismo. E-mail: [fab@unisc.br](mailto:fab@unisc.br).

3 Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Comunicação pela PUC-RS. Tem pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) e integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC). E-mail: [mmnegrini@yahoo.com.br](mailto:mmnegrini@yahoo.com.br).

4 Jornalista. Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutoranda em Comunicação na UFSM. Professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Campus São Borja. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E-mail: [betaroos@hotmail.com](mailto:betaroos@hotmail.com).

**Resumo**

O ensino de telejornalismo é um assunto dotado de complexidades e que carece de constantes ressignificações. Nesta seara, os programas jornalísticos universitários para TV são espaços que dão suporte ao ensino e que possibilitam o desenvolvimento de atividades práticas no contexto das universidades. Esses programas têm passado por reconfigurações para atingir uma audiência diversificada e para levar em consideração questões de inclusão. Diante disso, a proposta deste artigo é fazer uma reflexão sobre o ensino de telejornalismo levando em consideração as práticas inclusivas desenvolvidas em telejornais universitários. Tomamos como objeto de discussão e análise o Pampa News, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa, e o Unisc Notícias, desenvolvido na Universidade de Santa Cruz, problematizando os movimentos e adaptações feitas pelos programas com vistas também à inclusão.

**Palavras-chave**

Ensino de telejornalismo, inclusão, telejornalismo universitário, Pampa News, Unisc Notícias.

**Abstract**

The teaching of telejournalism is a subject endowed with complexities and lacks constant resignifications. In this area, university journalism programs for TV are spaces that support teaching and enable the development of practical activities in the context of universities. These programs have undergone reconfigurations to reach a diverse audience and to consider inclusion issues. Therefore, the proposal of this article is to reflect on the teaching of telejournalism taking into account the inclusive practices developed in university news programs. We took as object of discussion and analysis the Pampa News, developed at the Federal University of Pampa, and Unisc Notícias, developed at the University of Santa Cruz, problematizing the movements and adaptations made by the programs with a view to inclusion.

**Keywords**

Telejournalism teaching, inclusion, University telejournalism, Pampa News, Unisc News.

## Telejornalismo, inclusão e cidadania

Por conta de ser a mídia que abrange um público bastante heterogêneo, a televisão, especialmente de sinal aberto – mas também em sinal fechado e na internet –, tem conquistado um espaço significativo no cotidiano dos espectadores<sup>5</sup>. Ao longo do seu meio século de existência, tem se consolidado como uma das principais fontes de informação, cultura e entretenimento das sociedades contemporâneas.

Dentro da programação televisiva, os telejornais, identificados com os conteúdos referenciais ou fáticos, são responsáveis por levar às audiências os principais acontecimentos do dia no mundo. Despertam, desta maneira, a atenção de diversos olhares e públicos.

Gomes e Menezes (2008) defendem que o telejornal é, de fato, uma instituição social, em sintonia com a perspectiva de Williams (1997, p. 22). Dizem as autoras que “pensar o telejornalismo como instituição social implica reconhecer também uma específica concepção de notícia ou de informação jornalística”. Neste contexto, ao considerar a importância da televisão e, nela, do telejornalismo, Gomes e Menezes convocam olhares críticos sobre o processo de produção de notícias e de reportagens para a transmissão na TV, o que, por extensão, faz pensar sobre a importância e responsabilidade que tem o ensino de telejornalismo enquanto instância de formação dos futuros telejornalistas.

Mas, ainda que o ensino do jornalismo de televisão se coloque como uma reflexão urgente e necessária pela importância e impacto que gera socialmente, enquanto serviço de interesse público, as discussões acerca do tema são surpreendentemente raras. Nem mesmo a dinamicidade da área, sujeita que está a constantes transformações – que operam mudanças também nas práticas e nos modos de fazer e entender o jornalismo de televisão –, tem resultado em uma frequência maior de estudos acerca do assunto. Sequer a criação de cursos

---

5 Segundo a Agência Brasil: “A televisão estava presente em 97,1% dos 67 milhões de domicílios brasileiros em 2014, um crescimento de 2,9% na comparação com 2013. Cerca de 40% tinham televisão digital aberta. Em 2014, o *tablet* estava presente em 16,5% dos domicílios particulares do país, um aumento de 5,7 pontos percentuais em relação a 2013”. Disponível em: <<https://bit.ly/2yFQJ75>>. Acesso em: 10 jun. 2017. Diversas pesquisas ao redor do mundo dão conta que cerca de 70% das pessoas que possuem smartphones ou *tablets* utilizam os aparelhos enquanto assistem TV. Disponível em: <<https://bit.ly/2Rqbl22>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

de Jornalismo, que se proliferou especialmente entre as décadas de 1980 e 1990 no Brasil, aqueceu este debate.

Em outras palavras, é dizer que as análises sobre os telejornais e as práticas operadas em sala de aula por ocasião das disciplinas práticas de telejornalismo são também tão pouco recorrentes quanto faltantes, enquanto instância de formação dos estudantes de jornalismo. Em estudos anteriores (PICCININ; PUHL, 2015) já se apontou que, efetivamente, as disciplinas formativas do telejornalismo estão presentes nos cursos, mas estão da mesma forma voltadas à produção e execução de programas de notícias e às tantas demandas originadas das mudanças tecnológicas e consequentes alterações do fazer jornalístico. Do que se conclui que, tanto as inovações impactam produzindo novas práticas, quanto são demandadas continuamente mais e mais reflexões sobre este fazer.

Neste artigo, a preocupação a respeito da produção, edição e exibição dos telejornais vai se ocupar de uma vereda ou perspectiva em particular que une os mundos da emissão e da recepção. Trata-se da questão da acessibilidade enquanto caminho necessário de inclusão de um certo tipo de público hoje excluído<sup>6</sup>, de maneira geral, das possibilidades de consumo dos telejornais. Ou seja, apresenta-se aqui o necessário olhar para a diversidade da audiência e de seu direito constitucional à informação – especialmente nos moldes da TV aberta – de um lado, enquanto de outro a necessidade de considerar também a Lei da Acessibilidade<sup>7</sup> na formação dos futuros telejornalistas.

6 As experiências de inclusão são ainda tímidas no Brasil e são raras as emissoras que observam a Lei da Acessibilidade. Uma das exceções é o canal INES com programação totalmente acessível. A webTv é fruto de uma parceria entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), com programação em Língua Brasileira de Sinais (libras), com legendas e locução. Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

7 Segundo o Portal Brasil, "A acessibilidade na TV aberta começou a ser implantada em 2008, quando pelo menos 2 horas diárias do conteúdo exibido pelas emissoras passaram a contar com legenda oculta e dublagem. Esse número de horas aumentou progressivamente, e em 2015 chegou a 20 horas diárias. A legenda oculta representa uma importante ferramenta para os deficientes auditivos, mas atende a uma gama maior de usuários, como idosos e telespectadores em ambientes com limitação de áudio. Já a audiodescrição favorece os deficientes visuais. Esse recurso é a narração, em língua portuguesa, de informações essencialmente visuais, com imagens ou textos. O cronograma vigente prevê o aumento progressivo dessa facilidade, alcançando 20 horas semanais nas emissoras até julho de 2020. Até 2017, toda a programação transmitida pela TV aberta deverá contar com os recursos de legenda oculta (*closed caption*) e dublagem. A meta foi estabelecida pela Norma Complementar nº 1/2006, do Ministério das Comunicações (MC) [...]". Disponível em: <<https://bit.ly/2Puulsi>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Assim, a universidade tem compromissos como instituição formadora de cidadãos livres dotados de capacidade crítica. É sua função enquanto agente socializadora do saber promover a discussão ética e cidadã na formação, capaz de promover a emancipação dos sujeitos no seu fazer e no seu compromisso com o outro. Nesta perspectiva, os telejornais são mais do que conteúdos resultantes das práticas telejornalísticas; devem ser compreendidos como espaços de oferta e acesso à informação pela promoção e inclusão de seu público como exercício de cidadania. Por isso, este trabalho de pensar o telejornal também para os públicos que necessitam de acesso especial, bem como as iniciativas de programas que utilizam recursos acessíveis, ainda que bastante raras, precisam ser evidenciadas.

O ensino de telejornalismo precisa problematizar esta realidade, pensando os públicos e suas diversidades e necessárias inclusões em acordo com a Lei da Acessibilidade. Neste caso, a acessibilidade é evidenciada mediante adoção da língua de sinais, libras, voltada para a audiência surda. Para tanto, tomam-se dois exemplos/exercícios de inclusão no âmbito das práticas pedagógicas do telejornalismo, um mais consolidado ao longo do tempo, chamado Pampa News, ligado ao curso de Jornalismo da Unipampa, e outro registrado aqui enquanto amostra de inclusão a partir de um projeto desenvolvido junto a uma disciplina para o telejornal Unisc Notícias, que vai ao ar pela TV Unisc, emissora da UNISC.

### **O ensino de telejornalismo**

Conforme já pontuado, as práticas operadas em termos da televisão e, nela, do telejornalismo, demandam grandes responsabilidades de seus atores pelo tanto que interferem e influenciam nas vidas dos indivíduos que, por sua vez, gerem suas cotidianidades, em grande parte, em razão dos conteúdos ali socializados. É imperativo, portanto, pensar nesta responsabilidade, sobretudo civil, quando se considera a complexidade do ensino do telejornalismo.

Por essas razões, e pela dinâmica do próprio jornalismo de televisão, Brasil (2001) assinala que ensinar telejornalismo é um desafio para as instituições que têm graduação em jornalismo no país. Especialmente pela necessidade de enfrentamento ao que entende ser um paradoxo na clivagem hoje aberta em termos dos conteúdos teóricos e práticos já que “[...] por um lado, a predominância de uma cultura acadêmica que valoriza a ‘teoria’ e, por outro, uma realidade de mercado onde a ‘prática’ é considerada simplesmente ‘essencial’” (BRASIL, 2001, p. 1).

No decorrer das discussões sobre o ensino do telejornalismo no cenário nacional, Brasil evidencia as nuances da temática ao mencionar que se está tratando de uma área da comunicação que tem ligação direta com a formação da opinião pública; o que torna ainda mais desafiante a prática pedagógica, posto que o telejornal está em constante evolução na sua relação com a tecnologia, oportunizando a geração de novos formatos e linguagens.

Diz o autor que as inovações tecnológicas estão assentadas de modo particular nas transformações das rotinas de produção. Assim, com o aprimoramento da comunicação em rede e da convergência, o telejornalismo tem passado por ressignificações nas formas de produção, distribuição e consumo que implicam, por extensão, na reconfiguração de todo o processo de ensino de telejornalismo; o que já tem sido objeto inclusive da reformulação dos conteúdos programáticos propostos pelas Novas Diretrizes Curriculares Nacionais<sup>8</sup> para o curso de graduação em Jornalismo, aprovadas em 27 de setembro de 2013 e que preveem a revisão dos projetos pedagógicos dos cursos na medida em que impõem a necessária atenção à convergência midiática.

---

8 O documento põe ênfase na perspectiva de que os projetos pedagógicos dos cursos devem atentar para a disseminação de conteúdos atendendo a seis eixos de formação: eixo de fundamentação humanística; eixo de fundamentação específica; eixo de fundamentação contextual; eixo de formação profissional; eixo de aplicação processual; e eixo de prática laboratorial.

A preocupação com a questão da convergência tecnológica<sup>9</sup> e seus impactos está descrita na ênfase aos seis eixos de formação que devem ser contemplados durante a graduação em Jornalismo: 1) Eixo de fundamentação humanística; 2) Eixo de fundamentação específica; 3) Eixo de fundamentação contextual; 4) Eixo de formação profissional; 5) Eixo de aplicação processual; e 6) Eixo de prática laboratorial. O ensino de telejornalismo está sob a égide do eixo de formação profissional, voltando-se ao olhar acerca da introdução, do aprofundamento e de reflexões sobre pontos envoltórios do jornalismo televisivo.

O cenário convergente é tema recorrente de atenção do texto das Diretrizes também no tanto que se relaciona também ao perfil dos estudantes de jornalismo, que apresenta novas performances e apropriações das gramáticas midiáticas contemporâneas. Com a popularização e conseqüente acesso aos equipamentos, estes estudantes chegam à universidade, em geral, apresentando algum nível de descrença em relação aos modelos tradicionais de telejornalismo. Os programas de notícias mais tradicionais são, assim, muitas vezes objeto de questionamento dos alunos que lhes dispensam olhares críticos, sem considerar a dinamicidade da apresentação da notícia televisiva.

Para Martins (2017, p. 104), trata-se de “[...] um cenário de espectadores cada vez mais letrados nas agendas midiáticas – e dessa forma, capazes de apropriarem-se delas criticamente –; há uma percepção generalizada de desconfiança em relação aos meios de comunicação de massa [...]”. Em função disso, a pesquisadora faz uma remissão a um novo espectador, bem como um novo discente de jornalismo que vem surgindo na atualidade, fruto, entre outras questões, de sua inserção em contextos tecnológicos cada vez mais desenvolvidos, que permeiam constantemente a vida cotidiana. E que vai gerar, por seu turno, novos desafios à já complexa tarefa de ensinar aos alunos, que podem, facilmente,

---

9 No pensamento de Jenkins, a convergência é o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e [...] comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.” (JENKINS, 2009, p. 29).

seduzir-se pelas facilidades tecnológicas sem dar-se conta da consciência ética e estética que esta manipulação pode ensejar.

Esta dinâmica vai exigir do professor a manutenção da contínua vigilância a este fazer para que não fique restrito a uma visão instrumentalizante da tecnologia, mas que avance o tanto que este estudante pode e deve pensar sobre as práticas telejornalísticas, que, por mais que se atualizem, permanecem demandando a observância da deontologia e valores éticos e humanos na construção da notícia.

Por outro lado, também importa pensar que, além dos desafios promovidos pelos cuidados necessários às formas do operar a tecnologia, as inovações também oportunizam facilidades. Uma demanda importante que veio ser resolvida com a convergência tecnológica diz respeito à exibição dos conteúdos que agora pode ser feita na rede. Ora, publicar os conteúdos produzidos em sala de aula vem dar ao processo de ensino-aprendizagem uma dinâmica de fluxo de início e fim, na medida em que já há um lugar onde a audiência terá acesso ao telejornal. As implicações disso são tão boas quanto desafiantes porque geram responsabilidades que, por isso mesmo, são capazes de instituir-se como propostas pedagógicas, na medida em que os estudantes passam a ter que lidar com um receptor “real” e com tudo a ele relacionado. Ou seja, aos problemas e às soluções a isso associados, na medida em que passam a lidar com as respostas do público. Como diz Piccinin (2015, p. 25-26):

Na medida em que se quer ensinar o aluno a conceber um produto comunicacional jornalístico para a televisão, este deve fazer um planejamento capaz de dar conta dos itens relativos ao formato, periodicidade, tamanho, linguagem, duração, entre outros, que, por sua vez, são pensados a partir de um público possível. Ora, toda essa estratégia que pauta o processo produtivo do telejornal, desde o início até o fim, só “vale” na medida em que o produto é exibido, quando chega ao seu receptor. O contrário disso compromete esse fazer do ponto de vista pedagógico porque estaciona num lugar de “faz de conta que”, situação que foi comum por muito tempo por não se ter onde exibir a produção acadêmica, além das mostras universitárias. (PICCININ, 2015, p. 25-26)



É dizer, portanto, que a concepção de receptor “real” leva o espaço acadêmico e as práticas laboratoriais a se pensarem como *locus* de um fazer profissional, na medida em que o conteúdo chegará efetivamente ao público. Assim, entre as demandas trazidas pela realidade, está também a questão da inclusão apresentada nos termos da lei que, portanto, vai colocar os telejornais universitários no compromisso de se posicionar enquanto instância social para todos os tipos de audiência.

Neste sentido, as produções para os canais universitários se utilizam de diferentes plataformas para tornarem-se públicas – TV aberta, TV por assinatura, portal de conteúdo, *sites* da internet e/ou redes sociais – e configuram-se em exercícios desse fazer, prevendo, em termos de inclusão, as devidas traduções para outras línguas, bem como o uso de recursos especiais, a fim de ofertar conteúdos em modalidades acessíveis.

### **Os telejornais universitários e a inclusão**

Para tratar do telejornalismo praticado no âmbito das TVs universitárias e/ou das disciplinas relacionadas ao telejornalismo, é importante conceituar a própria ideia de televisão universitária. Trata-se de uma emissora caracterizada pelo vínculo com a instituição de ensino superior que possui uma produção voltada para temas de interesse da comunidade acadêmica. A programação diversificada da tevê é feita com a participação de estudantes, professores e técnicos, “[...] voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária [...]” (ABTU, 2004, p. 5).

Nesta perspectiva, Porcello complementa que a televisão universitária “[...] não é e nunca será uma emissora de grande audiência. Tampouco será uma rede nacional como as TVs abertas no Brasil, que sufocam a produção regional. A proposta de sua programação é ser segmentada e voltada para as realidades locais” (PORCELLO, 2002, p. 81). E terá como tarefa distribuir o conhecimento produzido na academia, reforçando a construção da cidadania, através de pautas e debates de temas.

No ano de 2010<sup>10</sup>, o Mapa da TV Universitária Brasileira (RAMALHO, 2011) mostrou que o número de instituições com produção televisual passava de cento e cinquenta no país. O levantamento levou em conta toda a natureza de canais universitários, tanto os exibidos em TV aberta, quanto os por assinatura, desconsiderando apenas as produções divulgadas através do YouTube ou de outras mídias sociais. Sobretudo diante destes números, importa considerar que, seja em sinal aberto, em TV por assinatura ou ainda na internet, ao longo destes anos, o telejornalismo universitário teve um papel fundamental tanto na qualificação do ensino nos cursos de Jornalismo, quanto na qualificação do debate acadêmico ao fazer a divulgação dos acontecimentos produzidos na e pela universidade.

No que se relaciona ao ensino, evidencia-se a contribuição dos telejornais universitários especialmente no que tange à potencialização da formação discente na medida em que oportuniza o diálogo entre teoria e prática. Brasil e Emerim (2011) ressaltam que “[...] a formação do jornalista televisivo deve ser levada a sério, vista a importância que estes profissionais tendem a assumir na vida social quando se inserem no mercado de trabalho.” (2011, p. 4). Assim, através das práticas laboratoriais, as universidades estão possibilitando mudanças consideráveis no cenário de ensino do telejornalismo ao contribuir para desfazer a dissociação histórica entre teórica e prática. Para Carravetta “[...] se, por um lado, as disciplinas teóricas embasam o conhecimento sobre o fazer televisivo, por outro as práticas desenvolvem as competências técnicas e as habilidades que possibilitam os exercícios de produção.” (2009, p. 11).

No caso específico da internet, entende-se que características como a expansão da visibilidade, a liberdade editorial, a difusão dos conteúdos sem custos

---

10 A TV Universitária de Pernambuco, ligada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), deu início à relação entre universidade e televisão na década de 1960 em sinal aberto via UHF. (ABTU, 2004). Mas foi a partir de 1990, com a promulgação da Lei do Cabo — lei nº 8.997 — (BRASIL, 1995), que o surgimento de TVs universitárias foi impulsionado. A Lei previa a disponibilização de um canal universitário na área de prestação de serviço da operadora para ser compartilhado entre as instituições locais. Assim, o primeiro canal universitário a operar através do cabo foi a TV Campus, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ainda em 1995. (MAGALHÃES, 2013). A partir daí, aconteceu a expansão do segmento no país, com o investimento de outras universidades brasileiras na produção televisual com difusão a cabo.

e a ampliação do espaço de ensino do telejornalismo a tornam um ambiente privilegiado para a criação e desenvolvimento de tevês universitárias. Assim, as produções audiovisuais praticadas nos cursos de Jornalismo podem ser transmitidas através de *sites*, páginas nas mídias sociais, canais como o YouTube ou, ainda, por aplicativos para dispositivos móveis.

Neste sentido, essas potencialidades do meio facilitam também o uso de recursos acessíveis como a introdução de janela de libras, legenda e audiodescrição. Observa-se que os recursos de acessibilidade são mais facilmente encontrados em canais de conteúdos na internet, pois o meio possibilita o uso de mecanismos que permitem a combinação de informação com recursos interativos, o que permite dizer que as tecnologias digitais virtuais vêm contribuindo para a ampliação do desenvolvimento de produtos e serviços que facilitam a inclusão de pessoas com necessidades específicas.

Um exemplo disso são os aplicativos que podem ser baixados nos smartphones e dispositivos móveis em geral, atendendo a necessidades mais personalizadas mediante a flexibilidade de acesso a essas ferramentas de interação e inclusão, possibilitando que um número cada vez maior de usuários seja beneficiado. Além disso, os telejornais universitários, que se utilizam da internet e das tecnologias digitais, proporcionam aos estudantes a experiência da rotina e das tarefas diárias dos profissionais de televisão e o desenvolvimento de sensibilidades e habilidades na produção de recursos que podem atender também um público com necessidades específicas.

### **Acessibilidade na prática: Pampa News e Unisc TV**

O desafio dos telejornais universitários com veiculação na internet é aproveitar as especificidades da *web*, evitando a simples transposição dos conteúdos que seriam de TV no espaço virtual. Além disso, as potencialidades deste meio estão sendo utilizadas por muitos telejornais produzidos em universidades para o desenvolvimento de produtos acessíveis. Este é o caso do projeto Pampa News, da Unipampa – campus São Borja. O telejornal surgiu em 2013 como um projeto

de extensão do curso de Jornalismo, com o objetivo principal de oferecer aos alunos um espaço laboratorial de prática telejornalística. Além disso, trouxe a inserção real na comunidade são-borjense, através do desenvolvimento de um produto onde o papel social da universidade e do Jornalismo fosse colocado em prática de maneira eficaz e contínua.

O Pampa News faz parte da Rede Nacional de Telejornais Universitários, que surgiu através dos pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE). Os professores do grupo, de diferentes instituições de ensino superior do Brasil, começaram a compartilhar material jornalístico. Nesta perspectiva, inicialmente, o TJ da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>11</sup> foi transmitindo principalmente reportagens enviadas pela Unipampa, pela Universidade Positivo do Paraná, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pela Unisc.

Da mesma forma, essas instituições retransmitiram produções jornalísticas do TJUFSC em seus telejornais na *web*. A ideia se fortaleceu e a equipe do TJUFSC, em parceria com todos os outros programas parceiros, resolveu fazer um telejornal inteiro com reportagens e entradas ao vivo de estudantes de diferentes regiões, com a supervisão dos respectivos professores da área de telejornalismo nas instituições de origem.

Como a Unipampa não dispõe de um canal de televisão, os programas produzidos são disponibilizados na internet e possuem como característica de formato e periodicidade, *telejornal pré-gravado e exibição semanal* nos moldes do conceito trazido por Brasil e Emerim (2011, p. 11). Com um ano de produção, percebeu-se que o programa havia se tornado referência na mídia local. Além de a equipe ser solicitada para a cobertura de eventos e acontecimentos importantes na comunidade, vem se observando o crescente número de visualizações do programa

---

11 A parceria entre as universidades se consolidou e o primeiro Jornal Nacional Universitário (JNU) foi produzido em novembro de 2013, incluindo, além das parceiras já citadas, a Associação Educacional Luterana Bom Jesus (IELUSC), de Joinville, e a UFRGS.

no site. Em razão disso, ao longo do tempo foi-se entendendo a importância de tornar o programa acessível a partir da exploração dos recursos da *web*.

Desenvolveu-se e implantou-se, então, a tradução do telejornal para a Linguagem Brasileira de Sinais, em suas edições. Para isso, contou-se com a colaboração e orientações da Professora de libras da Unipampa, Keli Krause. Como a professora intérprete é surda, a equipe precisou adequar-se a uma série de situações novas, buscando compreender as condições de recepção dos conteúdos no caso dos surdos desde o processo inicial de produção do telejornal.

Na sequência, após o processo de produção, o trabalho de construção do telejornal com a tradução para libras prevê que todas as reportagens precisam ser decupadas na lauda e entregues à professora com pelo menos um turno de antecedência para que ela possa fazer a leitura e pensar a conversão para outra língua. Além disso, depois de gravado o *off* dos VTs, é preciso cronometrar cada parágrafo narrado e passar o tempo para que ela desenvolva a interpretação em sincronia com o que está sendo falado. Esta situação não permite que pautas factuais recebam a interpretação em libras, pois o programa é gravado uma vez na semana.

Também o quadrado da janela de libras, onde normalmente os intérpretes são posicionados, foi retirado, aumentando assim o tamanho do espaço ocupado pela intérprete e melhorando a visualização da linguagem. Estes detalhes, importantes para fazer realmente uma produção acessível, foram obtidos através das observações realizadas pela professora-intérprete. A Unipampa oferece a disciplina curricular de libras no curso de Ciências Humanas, além de um curso com a professora-intérprete ser oferecido semestralmente para a comunidade acadêmica interessada. Há, ainda, o acompanhamento de estudantes surdos nas disciplinas dos cursos oferecidos nos *campi* da instituição, de maneira que o Pampa News vem refletir a política de inclusão da universidade ao dar seguimento a esta iniciativa.



Figura 1: Programa PN 51 – Apresentação Fahren Carvalho em cenário digital, com a intérprete de libras e Professora Keli Krause

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=yf9zVSny0k>>

Já na Unisc, universidade que, por sua natureza comunitária, estabelece vínculos muito estreitos com seu entorno, a questão da acessibilidade vem sendo discutida já há alguns anos. No caso da acessibilidade comunicacional, tem-se registro especificamente no curso de Jornalismo de duas experiências, ambas em 2016. Uma se deu com um jornal-laboratório impresso (Unicom) que teve sua versão audiodescrita durante sua produção nas disciplinas de Produção em Mídia Impressa e Jornalismo de Revista, e um telejornal que foi traduzido para a linguagem de libras também por ocasião da disciplina específica de Produção Experimental em Jornalismo; e é sobre este caso último que se passa a descrever.

A ideia foi proposta pelas alunas formandas do curso de Jornalismo que cursavam a disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo, cujo objetivo é propor um produto comunicacional inovador que apresente justificativa e pertinência, bem como se legitime em sua concepção e formato, além de prever a exequibilidade a partir do custo de produção, associado a um plano de mídia para viabilizá-lo. Neste sentido, a disciplina exercita a competência empreendedora do aluno, além de demandar as já tradicionais habilidades técnicas, estéticas e éticas do fazer jornalístico.

Após conhecer modelos de telejornais universitários acessíveis via congressos da área, as alunas propuseram, como projeto experimental, produzir, editar e levar ao ar o telejornal já tradicional da TV Unisc, o Unisc Notícias. A programação da TV Unisc é exibida no canal 15 da Net Santa Cruz, sendo que alguns programas também são disponibilizados no site da emissora.

Para tanto, além de pesquisar sobre a linguagem de sinais e as características próprias da comunidade de surdos enquanto audiência, as alunas Cleonice Goerck e Roberta Kipper começaram a traçar os passos de como fazer a tradução do telejornal para a linguagem de libras. Assim, num primeiro momento, fizeram uma sensibilização com a equipe de telejornalismo, explicando as intenções para uma determinada edição do telejornal e os movimentos necessários por parte dos funcionários para o atingimento dos objetivos.

Acordou-se que uma intérprete de libras ocuparia em termos de linguagem o canto direito na parte debaixo do visor para fazer a tradução em libras de modo simultâneo ao apresentador, enquanto este lia as cabeças. O processo assim se deu, ainda que, da mesma forma que no Pampa News, a intérprete tomou contato com o *script* previamente para conquistar intimidade com o conteúdo do telejornal. Também em acordo com a descrição feita pelo telejornal anterior, observou-se uma sincronia entre a leitura dos textos pelo apresentador e o ritmo da tradutora intérprete.

No caso da Unisc, a intérprete veio de forma muito disponível, do NAAC<sup>12</sup>, o setor da universidade responsável pelo atendimento acessível em suas diferentes formas. Ivanice Dornelles faz tradução de aulas, palestras e eventos para toda a universidade para a linguagem de libras. Entende-se neste processo que, tanto

---

12 Segundo a Unisc: "O NAAC é um espaço de acolhimento, orientação e atendimento às demandas provenientes do processo ensino-aprendizagem dos estudantes de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e docentes da Unisc. Auxilia individualmente ou em grupo, na formação pessoal e acadêmica do estudante, atuando nas dificuldades emocionais, de aprendizagem e/ou promovendo recursos de acessibilidade. Também se configura como um espaço de formação, através de estágios na área da Psicologia, e de avaliação das diferentes variáveis que incidem sobre as situações de ensino-aprendizagem no ensino superior, através de equipe multiprofissional. Os serviços e apoios, realizados pelo NAAC, tem como pauta a legislação específica vigente, visando o compromisso de educação para todos, através de leis citadas nos links interessantes". Disponível em: <<http://www.unisc.br/pt/naac/apresentacao>>. Acesso em: 10 de jun. Acesso em: 10 jun 2017.



a profissional de libras quanto as alunas e a equipe do telejornal aprenderam e tiveram uma troca de experiências em seus fazeres para dar conta de finalizar o programa e que, isso, por si só, já foi extremamente rico do ponto de vista do exercício de alteridade, tão necessário e tão enriquecedor para a formação humana.



Imagem 2: Apresentador Nelson Rebelato e tradutora Ivanice Dornelles

Fonte: Arquivo pessoal



Imagem 3: Apresentador Nelson Rebelato e tradutora Ivanice Dornelles

Fonte: Arquivo pessoal



Posteriormente à exibição, as alunas responsáveis pelo projeto chamaram duas telespectadoras do Unisc Notícias e que são surdas para, ao assistir à edição do programa acessível, darem seus depoimentos. As telespectadoras disseram, de forma surpreendente, que a tradução estava muito bem-feita e que elas estavam muito felizes pela oportunidade de terem acesso a um telejornal exibido em libras. Lamentaram a inexistência de mais programas acessíveis, especialmente de notícias, e lembraram o quanto a lei ainda é uma abstração em termos de sua não observância pelas redes de TV e rádio e *sites* da internet, ainda que muito importante.

Já as alunas gostariam de implantar a ideia definitivamente na Unisc TV e, eventualmente, em outros canais universitários, mas, ainda que não se discuta a importância e a urgência disso em termos sobretudo legais, e em uma perspectiva também humana, os canais universitários, que enfrentam grandes dificuldades para sua subsistência, não têm orçamento específico destinado a esta demanda. Razão pela qual, por ora, esta se constituiu em apenas uma experiência episódica para o Unisc Notícias.

### **Considerações finais**

A busca pela qualificação da formação dos estudantes através de telejornais universitários requer a constante habilidade e postura ética com as tecnologias digitais e sensibilidade para construção de produtos responsáveis e acessíveis. Assim, promover a inclusão é uma tarefa que exige responsabilidade, sensibilidade e conhecimento, pois muitas produções audiovisuais que se consideram acessíveis não atendem os padrões de acessibilidade, como as janelas de libras. Muitas delas apresentam um tamanho pequeno e dificultam a visualização.

Neste sentido, é preciso lembrar do papel decisivo da universidade enquanto instituição responsável pela formação técnica e humana e pela promoção da cidadania através de produções qualificadas e acessíveis. Afinal, as pessoas com deficiência auditiva somam uma parcela significativa da população, com direito à cidadania, além de serem potencialmente indivíduos aptos ao consumo.

## Referências

ABTU. A televisão universitária no Brasil: os meios de comunicação nas instituições universitárias da América Latina e Caribe. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2EPTwl5>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

*Apresentação*: NAAC. Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <<http://bit.ly/2AP9QhH>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo*: relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Disponível em: <<https://bit.ly/2y6D4UJ>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Até 2017, TV aberta terá programação com acessibilidade 24 horas por dia. In: *Brasil*. Disponível em: <<https://bit.ly/2Puulsi>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL, A. Ensino de telejornalismo no Brasil: um desafio acadêmico entre a cultura teórica e o mundo da prática profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Intercom, 2001.

\_\_\_\_\_. *Por uma história do telejornalismo na internet*: dez anos da TV UERJ on-line. Guarapuava, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/idyFqS>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

\_\_\_\_\_.; EMERIM, C. Por um modelo de análise para os telejornais universitários. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ANÁLISE DE TELEJORNALISMO: desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: Edufba 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2Q4I0TT>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

CARRAVETTA, L. M. C. *Construindo o telejornal*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

GOMES, I.; MENEZES, M. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. *Animus*, v. 13, p. 1-20, abr. 2008.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTINS, M. *Novos efeitos de real no jornalismo televisivo: reconfigurações estéticas e narrativas a partir da ubiquidade das máquinas de visibilidade*. Covilhã: LabCom, 2017.

OLHAR DIGITAL. Experiência de "segunda tela" é nova tendência na TV. Disponível em: <<https://bit.ly/2yIOCTj>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PICCININ, F. Jornalismo de televisão em sala de aula: dos desafios às novas possibilidades pedagógicas. In: DE AZEREDO SOSTER, D.; TONUS, M. (Orgs.). *Jornalismo-laboratório: televisão*. 1. ed., Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015.

PICCININ, F.; PUHL, P. Telejornalismo, novas tecnologias e convergência: um estudo sobre ensino no RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. *Anais...* v. 1. Brasília: SBPJor, 2013. p. 190-191.

PORCELLO, F. *TV universitária: limites e possibilidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

TV Ines. Disponível em: <<http://tvines.ines.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

RAMALHO, A. *Mapa da TV universitária brasileira: versão 3.0*. Viçosa, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2RryNpf>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

VILLELA, F. *IBGE*: 40% dos brasileiros tem televisão digital aberta. Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2RnLFfI>>. Acesso em: 10 jun. de 2017.

WILLIAMS, R. The technology and the society. In: WILLIAMS, R. *Television: technology and cultural form*. Londres: Routledge, 1997. p. 9-31.

submetido em: 6 nov. 2017 | aprovado em: 22 fev. 2018